

HOMOEROTISMO EM BANHEIROS MASCULINOS: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICO-ENUNCIATIVA QUEER/CU-IR DE GRAFITOS EM CONTEXTO ESCOLAR

Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti¹

Caio Vinicius Calheiros Farias²

RESUMO

Este estudo analisa, sob a ótica da Linguística Aplicada *Queer*, grafitos que performatizam homoerotismo em um dos campi de uma instituição de ensino em Alagoas. Nos espaços educacionais, há possibilidades diversificadas para o desenvolvimento das identidades, especialmente se considerarmos a escola como uma das agências promotoras de acessos às performances de gênero. Contudo, em face de os debates sobre sexualidade e gênero serem frequentemente silenciados, invisibilizando e marginalizando aqueles que não se “adequam” ao ideário cisheteronormativo, a língua(gem) assume papel fundamental. Ao não se verem representados, esses corpos dissidentes constroem e (re)afirmam as suas identidades por meio de práticas discursivas subversivas, a exemplo dos grafitos de banheiro, desafiando normas institucionais. Essa investigação linguístico-interpretativista, por meio de uma Revisão Sistemática de Literatura (RSL) e de captura de imagens, reconhece o banheiro como espaço também de enunciados e de produtividade discursiva, onde estão presentes grafitos de sujeitos homoeroticamente inclinados.

Palavras-chave: Grafitos de banheiro. Homoerotismo. Linguística Aplicada *Queer*. Performance e performatividade de gênero.

ABSTRACT

This study analyzes, from the perspective of Queer applied linguistics, graffiti that perform homoerotism in one of the campuses of an educational institution in Alagoas. In educational spaces, there are diverse possibilities for the development of identities, especially if we consider school as one of the agencies promoting access to gender performances. However, in the face of debates on sexuality and gender being frequently silenced, invisibilizing and marginalizing those who do not “adapt” to cisheteronormative ideas, the language plays a fundamental role. By not being represented, these dissident bodies build and (re)affirm their identities through subversive discursive practices, such as bathroom graffiti, challenging institutional norms. This linguistic-interpretativist investigation, through a systematic literature review (SLR) and image capture, recognizes the bathroom as a space for uttered and discursive productivity, where graffiti of homoerotically inclined subjects are present.

Keywords: Bathroom graffiti. Homoeroticism. Queer Applied Linguistics. Gender Performance and Performativity.

Introdução

¹ Endereço eletrônico: richardcavalcanti@hotmail.com

² Endereço eletrônico: cvcf1@aluno.ifal.edu.br

Este manuscrito é oriundo de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), de modo que os autores, assumem, respectivamente, o lugar de graduando do Curso de Letras-Português, e de professor orientador, ambos filiados ao Instituto Federal de Alagoas (doravante Ifal) *Campus Maceió*, na modalidade de oferta presencial. Na qualidade de pesquisadores, a escolha pelo tema apresentado se deu, primeiramente, por conta de alguns marcadores sociais e identitários, como, por exemplo, o fato de ambos os autores estarem na condição de homens cis, gays, nordestinos e alagoanos, cujos atravessamentos perpassam constantemente por questões de intolerância nos ambientes onde desenvolvem as suas performances de gênero. Para além disso, na condição de graduando, houve motivação em face de alguns trabalhos com que teve contato a respeito da temática de gênero, sexualidade e diversidade, que vêm sendo orientados pelo Prof. Dr. Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti, em vista, também, de sua liderança no Digeneri (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Corpo, Gênero, Diversidade e Inclusão — CNPq/Ifal) e a sua posição na Coordenação do Nugedis (Núcleo de Gênero, Diversidade e Sexualidade) *Campus Maceió*, em ambas atuações, desde agosto de 2023. Ainda nessa direção, há o interesse em se debruçar sobre um tema que não se detém, a partir de uma abordagem funcionalista à qual estamos filiados – cuja consideração representa a língua em uso em sua multiplicidade nas mais diversas formas de representação social – aos aspectos meramente estruturais da língua, com o fito de estabelecer uma perspectiva que se posicione de encontro aos sistemas hegemônicos, convencionalmente impostos pelo cistema³ (Vergueiro, 2015, p. 16). Ademais, é importante frisar que, no ponto de vista do Ifal, esta é a primeira pesquisa produzida com essa temática e conta, portanto, com um teor de inovação no instituto.

Práticas linguageiras: representações de subjetividade(s)

Os espaços educacionais são espaços formais de extrema importância para a formação de sujeitos, visando a uma perspectiva crítica e atuante na sociedade, preparando-os para o convívio em sociedade, bem como para o exercício pleno da sua cidadania, em vertentes política e social. Nessas instituições, tem-se convencionalizado o aprofundamento cultural e intelectual

³ Vergueiro utiliza esse termo aludindo ao conceito de Grosfoguel (2012) para caracterizar um “[c]istema-mundo ocidentalizado/cristianocêntrico moderno/colonial capitalista/patriarcal” que produz ‘hierarquias epistêmicas’ em que [...] perspectivas não cisgêneras são excluídas, minimizadas, ou silenciadas” (2015, p. 16). Seu objetivo é enfatizar o caráter estrutural e institucional, individualizante, de nossa sociedade, que favorece perspectivas cisgênero (aqueles cuja experiência de gênero corresponde ao sexo atribuído no nascimento), reforçando uma visão binária de gênero (homem-mulher), enquanto exclui e marginaliza pessoas que não se enquadram nesse ideário.

dos sujeitos, que lhes é possibilitado pelas trocas de experiências, vivências e conhecimentos entre indivíduos sociohistóricamente situados. Essas interações não apenas promovem a construção coletiva de saberes, mas também configuram uma gama de possibilidades para o desenvolvimento das identidades individuais e coletivas de grupos sociais, especialmente se considerarmos a escola como uma possível promotora de acessos às performances de gêneros. Embora seja, tradicional e historicamente, uma instituição normatizadora dos corpos e dos saberes, a escola é também um local de encontro para sujeitos heterogêneos, de gerações distintas e identidades múltiplas. Assim, configura-se como um ambiente com potencial para a transformação social de seus agentes (estudantes e funcionários/as), a fim de combater preconceitos.

Dessa forma, com a adoção de uma postura crítica e reflexiva, a escola pode se tornar um espaço de debate e desconstrução de estereótipos de gênero, promovendo o reconhecimento e a valorização das múltiplas performances de gênero presentes na comunidade escolar. De modo a contribuir para a construção de um ambiente mais inclusivo e respeitoso, já que diferentes identidades e expressões, que rompem com as normas tradicionais de gênero e sexualidade, estão ligadas às apresentações de subjetividades dos agentes que compõem o espaço escolar. Nessa esteira, a língua(gem) ocupa um papel central no ambiente escolar.

Na trilha de uma perspectiva bakhtiniana, a língua(gem) é mais do que um sistema abstrato de regras, é uma prática viva e dialógica, profundamente enraizada na comunicação entre indivíduos e na cultura (Bakhtin, 2006). A ótica bakhtiniana implica compreender linguisticamente as expressões humanas como “[...] tudo aquilo que, tendo se formado e determinado de alguma maneira no psiquismo do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem com a ajuda de algum código de signos exteriores” (Bakhtin, 2006, p. 113).

Assim, comprehende-se que a linguagem é sempre mediada pela interação com o outro e pode ser manifestada de diferentes formas, configurando-se como um processo dinâmico que não apenas exterioriza pensamentos, mas molda identidades e significados no intercâmbio social. Por intermédio da língua(gem), os sujeitos expressam suas perspectivas, constroem narrativas e (re)afirmam as suas identidades — que não são perenes e, em grande medida, apresentam-se pendularmente a partir das interações que estabelecem com o social.

A construção da identidade, segundo Hall (1997), ocorre na interação com o outro, ou seja, é na relação com aquilo que nos é diferente que produzimos sentidos sobre nós mesmos em um determinado contexto histórico e social. No ambiente escolar, práticas discursivas são essenciais para que os sujeitos tanto construam sentidos sobre si e sobre o outro, quanto

reconheçam e valorizem as múltiplas identidades, de modo a superar visões individualistas ou naturalizadas. Com efeito, as instituições de ensino não apenas refletem os valores e as dinâmicas da sociedade, como também se tornam espaços ativos onde a diversidade e a interação linguística contribuem para formar cidadãos críticos, reflexivos e politicamente engajados, capazes de intervir e promover novas transformações na realidade em que os cerca, levando-lhes a posicionamentos que, nos dizeres bakhtinianos referem-se a reflexões e refrações⁴ (Bakhtin, 2006).

Convém mencionar que os Institutos Federais — pertencentes à Rede Federal de Ensino — vivenciam uma dinâmica bastante *sui generis*: a oferta, em um mesmo espaço, das modalidades de ensino médio integrado ao técnico, ensino superior e cursos de pós-graduação *lato e stricto sensu*. Promovendo, assim, o encontro de grupos diversos, com marcadores sociais distintos, que permeiam visões de mundo diversas, incluindo, ainda, aspectos intergeracionais. Esse contexto muito nos interessa, pois é nele que podemos, a partir de nossas experiências, acessar diferentes formas de vivenciar e compreender as transformações do espaço escolar, que ocorrem por meio do contato estabelecido entre os agentes escolares (servidores/as e estudantes) em suas práticas linguageiras diversificadas. Por meio das mais variadas mediações relacionadas à linguagem, os sujeitos vivenciam as suas subjetividades e podem representá-las, inclusive, na maneira como se auto-demarcam.

Escola: inter-ações linguageiras e interdições sociais

Embora seja um ambiente propício para a promoção de diálogos, inclusive com vista ao respeito à pluralidade de ideias, alguns temas ainda estão ausentes e/ou são abordados de maneira superficial — ou ainda, com vieses de preconceito e de intolerância — no ambiente escolar. Aspectos que desafiam normas culturais e sociais, em grande monta, não têm tido espaço para o debate qualificado, sendo considerados temáticas interditadas⁵ nesse contexto educativo formal. Essa interdição⁶ desconfigura o potencial da escola em ser um ambiente de

⁴ Segundo (Bakhtin, 2006), a reflexão diz respeito ao uso da linguagem como espelho da realidade, carregada de valores e experiências. Uma espécie espelho da história e cultura socialmente estabelecidas. Enquanto a refração seria o uso da linguagem enquanto modificadora da realidade. De modo a revalorizar, ressignificar e (re)contextualizar para gerar novos significados.

⁵ O interdito, um dos procedimentos de exclusão que regulam o aparecimento dos discursos, impõe limites e restrições ao discurso ao operar por meio de regras que estabelecem o que pode ou não ser dito, quem pode abordar certos temas e em quais contextos ou sob que circunstâncias esses temas devem ser abordados (Foucault, 1996 [1987]).

⁶ Em toda a sociedade, a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos de poder que impõem limites e restrições ao que pode ser dito. Esses

transformação crítica e inclusiva, ao eleger, nos dizeres de Silva (1999), qual o currículo a que os/as estudantes terão acesso.

Aspectos ligados ao debate sobre a diversidade sexual e de gênero são frequentemente tratados como temas interditos no ambiente escolar, uma vez que o ideário reacionário e conservador os assume como uma “ideologia” associada ao afloramento das sexualidades daqueles/as que acessam e integram o espaço escolar. Não à toa, houve uma supressão no debate sobre sexualidade a partir da promulgação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que passou a tratar apenas de forma indireta como um tema transversal (BNCC, 2017/2018). Alegações espúrias, que vão desde o “*kit gay*”⁷ até a chamada “ideologia de gênero”⁸, deturpadas para fins específicos e nefastos⁹, negando aos corpos dissidentes uma visibilização necessária, inclusive como forma de reparação sócio-histórica, a sujeitos que têm suas identidades e performances interditadas por uma vigilância pautada na heteronormatividade compulsória¹⁰ (Vergueiro, 2016).

Louro (2022 [2000], p. 38) aponta que “O lugar do conhecimento, mantém-se, com relação à sexualidade, como o lugar do desconhecimento e da ignorância”. Logo, a escola, tida como “lugar de conhecimento”¹¹ (grifo nosso), conscientemente torna-se alheia a questões essenciais no desenvolvimento dos estudantes, já que a sexualidade (assim como as identidades de gênero, raça, nacionalidade, classe etc.) os constitui (Louro, 2022 [2000]). Como consequência e reflexo da realidade que nos cerca, dentro e fora da comunidade escolar, é pré-estabelecido um tipo de sujeito específico. Quanto a esse sujeito, Louro (2022 [2000]) indica

procedimentos, têm por papel “conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (Foucault, (1996 [1987], p. 9)”.

⁷ Refere-se ao falseamento do projeto Escola sem Homofobia, vetado em maio de 2011, que contava com a capacitação de gestores, elaboração de pesquisa acerca da homofobia e composição de materiais didáticos para escolas públicas. Esse terceiro eixo incitou um repúdio público ao projeto, pejorativamente apelidado de *Kit Gay*, apesar de seus defensores o nomearem como “*kit anti-homofobia*”. Com o passar dos anos o termo “*kit gay*” passou a indicar qualquer material que aborde diversidade sexual e de gênero no campo da educação (Maracci; Machado, 2022).

⁸ Indicaria o suposto projeto, mais amplo que o “*kit gay*”, de caráter global, apresentando-se como uma ameaça à infância, à família tradicional e à soberania nacional. Ganhou força em 2014, durante a votação do Plano Nacional de Educação (PNE), e combinou o pânico moral da diversidade sexual e de gênero (causado graças ao falseamento do projeto Escola sem Homofobia) e a oposição política a pautas progressistas, relacionadas à esquerda de modo geral (Maracci; Machado, 2022).

⁹ O pânico em torno do “*kit gay*” e da “ideologia de gênero” marcou uma nova organização política de desagendamento nas políticas públicas para os temas de gênero e sexualidade, que consiste “[...] no recuo governamental quanto à elaboração e distribuição de materiais voltados à redução do preconceito em contextos escolares” (Oliveira; Maio *apud* Maracci; Machado, 2022, p. 40).

¹⁰ Cohen (*apud* Vergueiro, 2016, p. 264) indica que a heteronormatividade se constrói por meio de “práticas localizadas e instituições centralizadas que legitimam e privilegiam a heterossexualidade e relacionamentos heterossexuais como padrões fundamentais e ‘naturais’”.

¹¹ Embora a escola não seja o único espaço de aquisição de conhecimento, seu papel é essencial por oferecer um ambiente estruturado, que promove a socialização e organiza o aprendizado de forma sistematizada e planejada.

que a norma de referência convencionada historicamente remete ao homem branco, hétero, de classe média urbana e cristão. Dessa forma, a escola, ao valorizar a heteronormatividade, ignora as identidades não normativas¹². Borba (2015, p. 97) indica que a heteronormatividade é constituída por regras “[...] produzidas nas sociedades, que controlam o sexo dos indivíduos e que, para isso, precisam ser constantemente repetidas e reiteradas para dar o efeito de substância, de natural”.

Destarte, essa naturalização de um tipo de sujeito é instituída no ambiente escolar, e, portanto, tida como verdadeira (na maioria das vezes, absoluta). Essa dinâmica faz com que os corpos se tornem reprodutores dessa realidade por imposição do sistema, representado, nesse caso, pela instituição escolar que opera como instância de poder. Consequentemente, sujeitos que desviam da norma heteronormativa e não encontram respostas aos seus questionamentos sobre aspectos ligados à sexualidade e ao gênero acabam expressando as suas inconformidades por meio de formas alternativas nesses espaços, que, além de não fomentar diálogos, exercem loci constantes de vigilância a esses corpos.

Nessa direção, uma das formas disruptivas para a autoafirmação de suas subjetividades dissidentes ocorre por meio de práticas linguageiras que incutem formas de subversão às regras sociais impostas, inclusive nos espaços escolares, os quais invisibilizam corpos, identidades e performances de gênero dissidentes. Nesses termos, compreendemos performance de gênero, em consonância com Butler, como um “[...] conjunto de atos comportamentais, linguísticos, políticos, exercidos pelos sujeitos em diferentes contextos [...]” (Cavalcanti; Lima; Gonzaga, 2024, p. 50).

Grafitos: um agir subversivo com a língua em práticas linguageiras no contexto escolar

Os grafitos de banheiro são evidência notável da língua(gem) como prática subversiva em contexto escolar. Beltrão (1980, p. 221) caracteriza os grafitos como:

[...] inscrições, pinturas e desenhos toscos, traçados por pessoa geralmente não-identificada, em paredes, árvores e outras superfícies mais ou menos duras e utilizando lápis, carvão, tintas, estiletes e outros objetos pontiagudos, com finalidade de transmitir mensagens aos transeuntes ou usuários dos locais em que se encontram gravados.

¹² Entendidas aqui como “[...] aquelas construídas por indivíduos que, em suas performances, não reiteram completamente os ideais heteronormativos impostos em sociedades ocidentais industrializadas” (Borba, 2015, p. 95).

Frequentemente, encontrados em banheiros compartilhados, espaços associados a necessidades fisiológicas, os grafitos configuram-se como manifestações legítimas de ideias e sentidos interiores sob forma de discurso¹³ (Brandão, 2008). Portanto, os grafitos podem manifestar anseios e desejos diversos, muitas vezes, relacionados à sexualidade e ao gênero. Embora destinados ao convívio coletivo, por assumirem um caráter de intimidade particular, especialmente nas cabines individuais, os banheiros “Tornam-se, portanto, um território fora da ordem moral vigente e da ostensiva vigilância contínua da sexualidade, pois oferecem um raro espaço de privacidade em meio à ebullição urbana das grandes cidades” (Bonfante; Marino, 2020, p. 123).

Esse ambiente escatológico permite que os sujeitos usem a língua de forma subversiva e expressem anseios e desejos diversos, principalmente questões socialmente silenciadas, desagradáveis ou marginalizadas. Como demonstram Silva e Saraiva (2017, p. 118):

O banheiro emerge, então, como um espaço desprivilegiado, que não é frequentado por prazer e que tampouco confere status a quem o frequenta. Por isso, acolhe a linguagem marginal. Recebe em suas paredes aquilo que não tem espaço fora dali: xingamentos, confissões, manifestações de desejos.

Dessa maneira e em vista disso, buscamos analisar os grafitos nos banheiros destinados ao gênero masculino no contexto de um dos campi do Ifal. Analisamos esses excertos a partir da postura contestadora dos estudos em Linguística Aplicada *Queer/Cu-ir*¹⁴, uma vez que, para Louro (Borba, 2015), assumir tal perspectiva de estudos *queer* significa colocar-se contra a normalização de onde quer que ela venha. Para tanto, precisamos compreender os grafitos nos/de banheiros escolares como marcas interacionais produzidas, em muitos casos, por sujeitos que se aproveitam de um breve momento de anonimato para escapar de vigilâncias e/ou desviaram de normas instituídas. Desse modo, é possível encontrar grafitos que contrariam a heteronormatividade, e expressam, ao mesmo tempo, uma identidade ou um direcionamento a uma prática/comportamento não-normativo. Com isso, centramos nossas análises para aqueles grafitos que mais se relacionavam ao homoerotismo, entendido aqui como a “[...] possibilidade

¹³ A definição de discurso a que nos filiamos na pesquisa é a proposta por Foucault (1996 [1987], p. 10), que aponta a sua ligação com o desejo e o poder. Para o autor, o discurso “[...] não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que o objeto do desejo; e visto que [...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”.

¹⁴ A escolha da dupla grafia se deve ao reconhecimento tanto da tradição teórica internacional (*Queer*) em estudos que problematizam a sexualidade e o gênero, quanto ao respeito da apropriação local (*Cu-ir*) e, por extensão a valorização das especificidades do contexto social brasileiro, que também pode se assumir a terminologia “transviada” ou, ainda, “Linguística Transviada”, nos dizeres de Bezerra (2023).

que têm certos sujeitos de sentir diversos tipos de atração erótica ou de se relacionar fisicamente de diversas maneiras com outros do mesmo “sexo biológico” (grifo nosso)¹⁵” (Costa *apud* Oliva, 2017, p. 77).

Ainda nesse seguimento, cabe salientar que a adoção do termo homoerotismo, ou melhor, a decisão de focalizar as práticas, desejos e comportamentos afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo gênero, implica um esforço de evitar a fixação dos sujeitos em identidades centrais ou permanentes. Tal escolha se alinha ao arcabouço teórico-conceitual ao qual nos filiamos, que nos deixa contrários aos enquadres identitários e às categorizações estáveis, motivo pelo qual empreendemos o presente manuscrito.

Poder e controle institucionalizado: a escola como espaço de interdições e de vigilâncias

Para fundamentar as discussões aqui acessadas, torna-se fulcral discutir as relações entre linguagem, práticas sociais e instituições de poder, uma vez que, segundo Foucault (2022 [1977], p. 101), estando em toda parte “O poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada”. O poder se mantém solidificado nas instituições de ensino através de procedimentos disciplinares que vigiam e controlam os corpos, garantindo a normatização da sociedade. Essa vigilância é autorizada e legitimada pelo saber, e não se estabelece por meio de leis, mas pela concordância dos sujeitos com os discursos de “verdade” (Foucault, 2021[1979]).

Quanto a essa reprodução da “verdade instituída” (grifo nosso), observa-se nos grafittos dos banheiros, por vezes, concordância e, em outros momentos, discordância com as regras impostas referentes à sexualidade e ao gênero dos sujeitos. Isso ocorre, porque “[...] onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder” (Foucault, 2022[1977], p. 104). Assim, entendemos que o poder não é uma força unidirecional e absoluta, mas, ao contrário, uma relação dinâmica, que sempre gera respostas, e, muitas vezes, contradições. Isso se deve ao fato de que, sendo o poder exercido em nossos corpos, a reivindicação do próprio corpo contra o

¹⁵ Apesar de Costa (1992) empregar o termo “sexo biológico”, ao longo desta pesquisa adotamos a categoria “gênero”, alinhados ao referencial teórico dos estudos *Queer/Cu-ir* ao qual nos filiamos, com respaldo em Butler (1990) e as categorias de performance e performatividade. Essa escolha se justifica, pois, conforme Moita Lopes (2022, p. 24), “[...] esse entendimento põe em xeque a visão essencialista e biologizante do gênero e da sexualidade, entendendo-os como um trabalho performativo contínuo e não como uma condição corporal biologicamente determinada”.

poder surge inevitavelmente (Foucault *apud* Louro, 2022 [2000]). Ademais, faz-se necessário entender que “O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. [...] O corpo é uma realidade bio-política” (Foucault, 1979 [2021], p. 144).

Beltrão (1980), indica que os sujeitos submetidos à repressão utilizam de meios criativos para camuflar suas mensagens, seja atribuindo-lhes duplo sentido ou utilizando canais que escapam à vigilância censora. A isso se justifica a utilização dos banheiros como canal alternativo, a fim de escapar da fiscalização e da vigilância institucional. Outro ponto importante é reconhecer que os sujeitos “falantes” dos sanitários são, por via de regra, anônimos, uma vez que não há como identificar quem elaborou tais enunciados¹⁶, em sua maioria. O anonimato para expressar sua identidade sexual em contexto escolar se torna um dos aspectos por nós destacado, já que, segundo Louro (2022 [2000], p. 32)

Aqueles e aquelas que se atrevem a expressar, de forma mais evidente, sua sexualidade são alvo imediato de redobrada vigilância, ficam ‘marcados’ como figuras que se desviam do esperado, por adotarem atitudes ou comportamentos que não são condizentes com o espaço escolar.

O banheiro, portanto, por meio da intervenção linguística nos enunciados, transforma-se em um espaço onde a expressão e a (re)afirmação de identidades e práticas sexuais, individuais ou coletivas, tornam-se públicas ao mesmo tempo que se direcionam a corpos e práticas sexuais específicas. Quanto a esse fenômeno, Vilhena (2018, p. 4) comprova que “Essa prática é bastante presente nas instituições escolares, haja vista, que os jovens alunos/as em sua maioria estão passando pela fase da adolescência onde os mesmos constantemente vão constituindo seus desejos sexuais e sexualidades”.

Identidade de gênero e sexualidade: os estudos em linguística aplicada queer/cu-ir

É de extrema importância reconhecer que gênero e sexualidade não são intrínsecos aos indivíduos, mas emergem e são construídos a partir de práticas discursivas e sociais, pois, como argumenta Butler (2024), as categorias gênero e sexualidade estão inscritas em campos de disputa para os quais, além dos interditos, acentuam-se a partir de suas performances como

¹⁶A enunciação, conforme Benveniste (1988[1966]), é o ato de produzir enunciados. Caracterizada como uma atividade social e interacional, a enunciação envolve um enunciador (aquele que, no discurso, produz um enunciado) e um enunciatário (aquele a quem o enunciado se dirige).

formas de autoafirmação identitária. A teoria de Butler, parte das ideias postas por Austin (1965), no que se refere à teoria dos atos de fala, de modo que se concebe a seguinte equação: todo dizer = uma ação. Ou seja, todo dizer é um fazer, uma forma de atuar no mundo por meio da língua(gem) e, no caso de gênero, é uma performance apresentada no mundo com vistas a uma atuação social.

Butler (2003 [1990]) também estabelece duas categorias de considerável relevância para a aproximação de seu diálogo com os nossos estudos: as dimensões de performance e performatividade. A performance pode ser entendida como “[...] um conjunto de atos corpóreo-discursivos, constantemente repetidos, que mobilizam recursos linguísticos e semióticos com o intuito de demarcar a identidade do sujeito em dado contexto social” (Cavalcanti; Lima; Gonzaga, 2024, p. 5). Essas performances precisam ser legíveis para que possam ser (re)interpretadas pela memória social, seja para reforçar ou romper com significados existentes (Gusmão, 2022).

Já a performatividade, por sua vez, refere-se a “[...] um conjunto de limitações aos atos performativos e, por conseguinte, aos corpos, comportamentos e atos discursivos” (Cavalcanti; Lima; Gonzaga, 2024, p. 5). Ou seja, a performatividade atua na regulação dos sujeitos, impondo-lhes performances e formas de existência heteronormativas, socialmente aceitas, normatizadas e institucionalizadas. Isso acaba por perpetuar estereótipos sexistas, atribuindo papéis e expectativas que reforçam o binarismo cisgênero. Exemplo disso é a expectativa de que homens sejam provedores financeiros e emocionalmente contidos, enquanto mulheres devem se dedicar ao cuidado (da casa e dos filhos) e manter uma postura delicada. Isso porque a repetição e reiteração dessas práticas e discursos heteronormativos “[...] ao longo dos anos, estabelecem parâmetros performativos de ‘naturalidade’ e ‘legitimidade’ para tais atos” (Cavalcanti; Lima, 2024, p. 6).

No entanto, é justamente a própria performatividade que abre a possibilidade de subversão, permitindo o surgimento de diferenças e a desestabilização das normas de gênero. Em vista disso, os sujeitos dissidentes, por não seguirem a norma que limita as suas performances, manifestam-se e, consequentemente, afirmam-se por intermédio dos grafittos produzidos. Considerando que a identidade se forma por acesso à língua(gem) e às suas representações sociais, e que não há um "eu" imutável ou essencial, mas sim um "eu", que é constantemente narrado através do discurso (Hall, 1997), comprehende-se que os grafittos funcionam como enunciação identitária e resistência.

Tais manifestações tornam-se indispensáveis pois, para compreender as identidades e práticas não normativas é preciso refletir que “Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência” (Louro, 2022 [2000], p. 13). Ademais, para além de uma perspectiva convencionalizada como binária, há diversas maneiras de se ser homem ou de se ser mulher, inúmeras formas de vivenciar os prazeres e os desejos do corpo. Tais vivências, que através dos discursos, são sugeridas, anunciadas e promovidas socialmente, e podem ser renovadas, reguladas, condenadas ou negadas (Louro, 2022 [2000]).

Nessa contiguidade, Butler (*apud* Borba, 2015, p. 96) revela que “[...] ‘as normas de gênero operam ao ordenar a corporificação de certos ideais de feminilidade e masculinidade, ideais que são quase sempre relacionados à idealização do vínculo heterossexual’”. Ou seja, as normas de gênero exercem um poder performativo, pois ao serem constantemente repetidas e reiteradas, elas estabelecem o próprio conceito de gênero.

Por se tratar de uma intervenção linguística, faz-se necessário recorrer às contribuições da Linguística Aplicada, uma vez que essa área tem caráter abrangente e multidisciplinar em sua preocupação ao uso de linguagem (Cavalcanti, 1986). Vale destacar que a Linguística Aplicada também pode assumir abordagem INdisciplinar, que, como argumenta Moita Lopes (2022, p. 20), tal conduta

[...] não vai ao encontro somente da inter/transdisciplinaridade — um sentido mais comum de desobedecer a barreiras disciplinares —, mas principalmente de um olhar INdisciplinado nos modos de produzir conhecimento, no sentido de mobilizar pensamentos transgressivos, insurgentes e inovadores de natureza epistemológica (teórico-analítica e metodológica), assim como de topicalizar, como questão de investigação, aquilo que tem sido ignorado ou esquecido.

Dessa maneira, ao problematizar as compreensões disciplinares tradicionais e suas divisões, a linguística aplicada INdisciplinar aproxima-se em muito dos estudos *Queer/Cu-ir* adicionando um elemento extra de subversão, propondo uma abordagem fluida, desafiadora e inovadora, para um posicionamento contrário às barreiras disciplinares tradicionais. A contribuição da linguística *Queer/Cu-ir*, consoante Moita Lopes (2022, p. 26) “[...] concebe corpos e subjetividades como configurações emergentes nas práticas discursivas, borrando a noção de ‘identidade’ como destino”, é justificada pela compreensão de que identidades não são fixas nem naturais, mas fluídas e construídas, resultados de práticas discursivas. Além disso, a linguagem pode tanto reforçar as normas heteronormativas quanto oferecer espaço para

resistências e novas formas de expressão identitária, como, por exemplo, as expressões de homoerotismo.

Por fim, cabe anunciar, que, neste trabalho, serão empregadas as contribuições da *Folkcomunicação* (Beltrão, 1980), no que diz respeito ao processo de troca de informações, mensagens e manifestações de opiniões de culturas marginalizadas, externando inconformismo diante da pressão homogeneizadora — no caso da pesquisa, quanto à identidade sexual. No tópico a seguir, daremos especial ênfase à metodologia, enfocando o método utilizado e o tipo de procedimento adotado para a constituição do *corpus* no contexto a que nos voltamos.

Metodologia

A pesquisa, de natureza qualitativa, analisou as performances homoeróticas em enunciados deixados em banheiros masculinos, de uma instituição de ensino pertencente à Rede Federal de Ensino, localizada no Nordeste do Brasil, em Alagoas. Para tanto, adotamos o método de análise linguístico-interpretativista de modo a investigar o fenômeno enunciativo através da interpretação das ações sociais e dos significados que lhes são atribuídos (Bortoni-Ricardo, 2008). Tomamos como base a perspectiva bakhtiniana de língua(gem) como interativa e dialógica, além dos processos de vigilância de corpos e da manutenção de relações de poder, uma vez que sendo, o corpo uma realidade bio-política, o controle de indivíduos começa por este (Foucault, 2021[1979]) e os aportes da Linguística Aplicada *Queer*, já que esta busca investigar como sujeitos não normativos negociam suas identidades ao repetirem ou desafiarem a heteronormatividade em suas performances linguísticas (Borba, 2015). Além disso, realizamos uma Revisão Sistemática de Literatura, doravante RSL, utilizando-se de buscas na plataforma digital *Google Acadêmico*, a fim de verificar o que já tinha sido produzido e problematizado sobre a discussão e o que poderia contribuir para a presente pesquisa. Utilizamos os seguintes descritores (*strings* de busca): “Mensagens Homoeróticas”, “Banheiro”, “Grafitos”, “Grafitos de banheiro” e “Homoerotismo” por meio da entrada de “AND” e “OR”.

Obtivemos 2 (duas) produções (com os descritores dispostos da seguinte maneira: “mensagens homoeróticas” *OR* “homoerotismo” *AND* “banheiro” *AND* “Grafitos” *OR* “Grafitos de banheiro”): 1 (um) artigo científico e 1 (um) livro publicados em Língua Portuguesa entre 2020 e 2024. Ambas incluídas na área de Letras, no entanto o artigo abordava um estudo discursivo de grafitos em contexto escolar e o livro tratava-se de uma análise literária da obra

de Glauco Mattoso. Excluindo a delimitação temporal os resultados aumentaram para 5 (cinco) produções entre artigos científicos, dissertações e o livro já mencionado. Desses, além das produções citadas há pouco, obtivemos: 1 (um) artigo da área de Comunicação Social/Jornalismo que se prestou a analisar os diálogos estabelecidos nos grafitos de uma universidade (apesar de listada na Plataforma a produção era exibida apenas como “citação”, e só pôde ser aberta externamente); 1 (uma) dissertação de mestrado que deu origem ao livro já mencionado; e 1 (uma) dissertação de mestrado que investigava práticas sexuais entre homens em um terminal de ônibus urbanos. Desses produções, somente 2 (duas) utilizaram um referencial teórico pós-estruturalista de gênero e sexualidade: 1 (uma) na área de Letras com enfoque em análise discursiva; e 1 (uma) que contemplava estudos antropológicos.

A RSL se deteve, exclusivamente, ao *Google Acadêmico* em vista de, neste repositório, compreendermos que alcançaríamos os objetivos propostos em nosso estudo no que diz respeito ao contato com um maior número de produções, tanto em formato de artigo quanto em formato de TCC (monografia), dissertação e tese, além de obter acesso a anais de eventos. Ademais, quando fomos realizar uma busca utilizando o modo como o fizemos no *Google Acadêmico*, na Plataforma SciELO, constatamos uma escassez de produções com o recorte temporal de 5 anos (2020 a 2024) eleito. Pontuamos que para o ajuntamento de termos por meio do uso de conectores (a exemplo dos quais utilizamos, a saber: “*AND*” e “*OR*”), o conector “*AND NOT*”, como medida de exclusão, não foi utilizado pois não nos ajudaria em nosso recorte temático-temporal, em vista do contato que precisaríamos ter com aquilo que fora produzido no período definido.

Procedimentos metodológicos adotados

Os grafitos estão presentes no ambiente real de interação entre os pesquisadores, por este ser o *locus* onde desenvolvem as suas atividades acadêmico-escolares e laborais, num ambiente autêntico em que emergem tais produções. O *corpus*, assim, foi constituído por meio de imagens capturadas com um telefone celular. Os registros foram obtidos durante o período temporal pautado entre agosto de 2022 e dezembro de 2023 (totalizando 16 meses, isto é, 1 ano e 4 meses de coleta), durante o período noturno de funcionamento da instituição de ensino, haja vista (i) o fato de um dos autores ser discente noturno do Curso de Letras-Português e frequentador desses banheiros; (ii) o fato de haver, nesse horário, um menor fluxo de pessoas transitando na instituição, e, consequentemente, utilizando os banheiros.

As imagens foram capturadas em momentos em que o autor-fotógrafo estava sozinho nos banheiros acessados, garantindo a segurança e privacidade de possíveis usuários desses espaços. Ao todo, o corpus foi constituído por 12 exemplares considerados para o presente estudo por esses conterem grafites que possuem uma enunciação homoerótica. É importante acrescentar que durante a etapa de coleta de dados foram observados outros enunciados que, no entanto, difundiam discursos, identidades e práticas sexuais heteronormativas. Tal fato pode estar atrelado ao medo de alguma represália, graças não somente à vigilância escolar como a homofobia presente na instituição e em nossa sociedade, já que

De um modo geral, salvo raras exceções, o/a homossexual¹⁷ admitido/a é aquele ou aquela que disfarça sua condição, ‘o/a enrustido/a’. De acordo com a concepção liberal de que a sexualidade é uma questão absolutamente privada, alguns se permitem aceitar ‘outras’ identidades ou práticas sexuais desde que permaneçam no segredo e sejam vividas apenas na intimidade (Louro, 2022 [2000], p. 36).

No presente artigo, serão expostos 3 exemplares de figuras, capturados por meio de imagens, que foram selecionadas por apresentarem aspectos relevantes das temáticas abordadas e evidenciarem dinâmicas específicas dos enunciados num contexto interacional de resistência em oposição à heteronormatividade instituída. Ressaltamos que as imagens passaram por algumas edições (relacionadas a cortes, correções de cor, aumento de contraste etc.) para se adequarem à exposição nesta pesquisa e facilitar a leitura, ao tempo em que reiteramos que não sofreram quaisquer modificações em seus enunciados.

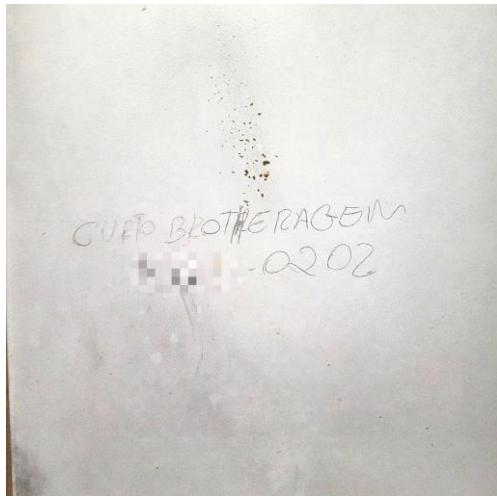
Análise dos dados: significando enunciados, relendo imagens

No que diz respeito à construção das identidades ou práticas sexuais, é preciso reconhecer que todas as identidades sociais (assim com as identidades sexuais e de gênero) têm caráter fragmentado, histórico e plural, como é afirmado pelos teóricos culturais (Louro, 2022 [2000]). Louro (2022 [2000], p. 13) afirma que “Essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecerem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas”. De tal modo, Weeks (*apud* Louro, 2022 [2000], p. 15) admite

¹⁷Embora Louro utilize o termo “homossexual”, a pesquisa optou por se afastar dessa nomenclatura e adotar “homoeroticamente inclinado” de modo a sugerir uma expressão mais fluida da sexualidade, reconhecendo desejos ou experiências homoeróticas sem implicar uma adesão plena à identidade homossexual e no que isso acarreta.

que o corpo é inconstante e que suas necessidades e desejos mudam, pois, “Num mundo de fluxo aparentemente constante, onde os pontos fixos estão se movendo ou se dissolvendo, seguramos o que nos parece mais tangível, a verdade de nossas necessidades e desejos corporais [...]”. É possível observar esse fenômeno de adequação a desejos momentâneos. Na Figura 1, na qual pode-se observar o seguinte grafito “CURTO BROTHERAGEM XXXX-0202”, grafado em uma cerâmica no banheiro.

Figura 1 — Grafito “CURTO BROTHERAGEM XXXX-0202”



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

O termo “*brotheragem*”, adaptação da palavra de língua inglesa “*brother*”, representa uma parceria e/ou irmandade, onde não se busca uma relação necessariamente amorosa, mas uma camaradagem masculina para relações sexuais, sem comprometer a masculinidade e possível heterossexualidade por parte do enunciador (Nascimento; Massoni; Shirakava; Martinez-Ávila; Pinho, 2020). Dessa forma, por mais que os praticantes da *brotheragem* sejam heterossexuais, esses sujeitos fogem à expectativa cultural e social, ao se relacionarem sexualmente com pessoas do mesmo gênero, embora, em muito, não se autoafirmem como sujeitos homossexuais.

O grafito da Figura 1 apresenta uma característica singular nos enunciados dos banheiros, pois há uma marca discursiva — a adição de um número telefônico (por nós parcialmente borrado) —, postura essa que não assegura anonimato, tampouco a proteção voltada ao interlocutor-enunciador. Sobre essa conduta, entendemos ser possível, *a priori*, levantar duas hipóteses para tal comportamento. A primeira diz respeito ao acabamento do grafito, que Bakhtin (2006, p. 300) define como o fator que indica a alternância dos sujeitos falantes, a qual “[...] ocorre precisamente porque o locutor disse (ou escreveu) tudo o que queria

dizer num preciso momento e em condições precisas”. Apresentando início e fim determinados, os grafitos dão lugar à compreensão responsiva ativa de terceiros. Mas, por ser o acabamento determinado por meio de critérios particulares, e considerando que nos banheiros “O *feedback* da mensagem fica dependente do público incerto [...] dúvida, de efeito retardado e de consequências imprevistas e imprevisíveis [...]” (Dall’Agnol *apud* Beltrão, 1980, p. 226), supomos que, para potencializar uma ação-resposta, o autor do grafito da Figura 1 se identifica registrando um número de telefone celular com o objetivo de conseguir um parceiro para a prática da *brotheragem*. Hipótese que nos parece a mais provável, tendo em vista a similaridade da caligrafia das letras e dos algarismos.

No caso da segunda inferência que fazemos, considerando que a não-conformidade com as normas pode levar a represálias — como, discriminação, exclusão, punições institucionais ou até mesmo violência física e/ou psicológica por parte de outros agentes escolares — diz respeito ao envolvimento de um terceiro sujeito: um leitor do enunciado original, que grafa o número de outra pessoa a fim de gerar represálias para este.

Convém mencionar que, no ambiente escolar, assim como em outras instituições e espaços, é comum que “[...] em inúmeras situações e em distintas idades, meninos e homens constituam grupos extremamente ‘fechados’ e os vivam de forma muito intensa” (Louro, 2022 [2000], p. 34-35). Louro (2022 [2000]) aponta que, em muitas fraternidades¹⁸, são vividas situações em que os corpos podem ser comparados, admirados e tocados em situações consideradas “justificadas” e “legítimas”. Esses grupos e atividades podem servir como espaços onde as performances tradicionais de masculinidade são preservadas e reafirmadas, ao mesmo tempo em que fortalecem vínculos de solidariedade, amizade e camaradagem, sem que isso seja percebido como contraditório. O grafito “BELO PAU :)”, presente na Figura 2, pode fazer menção a esse fenômeno, especialmente se considerarmos que “Nos banheiros e vestiários escolares, os garotos aprendem, desde cedo, a conviver com a nudez coletiva” (Louro, 2022 [2000], p. 35).

Figura 2 — Grafitos “BELO PAU :)” e “CÉSAR MC’ FILHA DA PUTA”

¹⁸O termo fraternidade é usado aqui para se referir aos diversos redutos exclusivamente masculinos onde a presença feminina, ou da feminilidade, não é admitida (2022 [2000]).



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Tendo em vista que essas fraternidades são culturalmente conhecidas por reforçarem e celebrarem a masculinidade, o uso do adjetivo “belo” atribui uma conotação estética valorativa e expressa admiração em relação à genitália masculina, popularmente conhecida como “pau”. Essa nomeação constitui, inclusive, uma das formas mais recorrentes e acessíveis de se referir ao signo, culturalmente associado ao entendimento binário de “homem” — que associa gênero a condições corporais biologicamente determinadas —, frequentemente presente nos banheiros escolares em representações linguísticas e visuais. Tal significação revela, também, a forma como a masculinidade se materializa simbolicamente ao evocar o próprio órgão genital como marcador identitário.

Além disso, também encontramos na composição da Figura 2 outros grafittis, como o grafito “CÉSAR, MC FILHA DA PUTA” (sic.), para o qual chamamos atenção. Nesse grafito é possível observar o que entendemos como um xingamento ao referido sujeito: ser “filho de puta”. Historicamente, o termo “puta” foi usado de forma pejorativa para se referir, à mulher que exerce a prostituição. No entanto, seu uso cultural vai além desse prisma, reforçando visões moralistas e controladoras acerca de práticas sexuais femininas que não seguem as expectativas ou os papéis socialmente impostos. Essa expressão, nesse contexto, evidencia a inferiorização do que é visto como feminino em detrimento do que é visto como masculino. Enquanto diferentes práticas sexuais masculinas (sobretudo as cisheteronormativas) são frequentemente promovidas nos banheiros escolares destinados a esse gênero, atividades sexuais femininas nesses espaços, marcados pela dominação da masculinidade, continuam carregadas de estigmas. Desse modo, percebemos a tentativa de se manter a dominação masculina ao evocar o feminino para controlar, estigmatizar e subalternizar práticas sexuais femininas, enquanto

legitima e valoriza práticas masculinas. Pois, como observa Spivak (2010, p. 85), “[...] o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”.

Essas dinâmicas sustentam uma visão de mundo na qual a masculinidade é valorizada e relacionada diretamente ao poder, em contraste com a feminilidade, que, dentro do ideário patriarcal, é vista como inferior. Nesse contexto, a homossexualidade também é colocada em posição de subordinação, por ser culturalmente associada à feminilidade e, por isso, utilizada como forma de diminuir e/ou atacar a masculinidade (fator esse que pode justificar a prática da “*brotheragem*” pelo autor do grafrito da Figura 1). Embora essas comunidades de exaltação da masculinidade aparentem ser inofensivas, elas reproduzem desigualdades de gêneros e exclusões, reforçando a binariedade entre masculino e feminino, visto que no caso dos banheiros coletivos “O que caracteriza o espaço público na modernidade ocidental é ser um espaço de produção de masculinidade heterossexual. [...] o espaço público se caracteriza simultaneamente pela exclusão da feminilidade e da homossexualidade” (Preciado *apud* Damasceno e Almeida, 2018, p. 4).

O enunciado “SEU PÊNIS SERÁ CHUPADO” (sic.), da Figura 3, também pode fazer menção a esses espaços de camaradagem masculina, visto que pode ser entendido de diversas maneiras, entre elas, ser compreendido como brincadeira, premonição, provocação ou ainda, como um convite ou a uma proposta sexual à prática de sexo oral; ainda mais se forem considerados outros grafittos próximos grafados anteriormente e rasurados em seguida: nomes de possíveis estudantes. Destacamos que um deles conta até com a identificação de turma ao lado. Isso representa o caráter dinâmico dessas práticas languageiras, já que os riscos também significam algo, e esses nomes foram rasurados de maneira a não os remover completamente, de forma que ainda é possível identificá-los. Pontuamos que é possível inferir, a partir da caligrafia dos grafittos, que o autor do grafrito “SEU PÊNIS SERÁ CHUPADO” (sic.) escreveu, também, algum dos nomes listados. Não é possível, porém, associar se as rasuras foram feitas por esse mesmo sujeito ou por outro frequentador do banheiro. Além disso, apontamos que somente um dos nomes não está rasurado.

Figura 3 — Grafito “SEU PÊNIS SERÁ CHUPADO”



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Por fim, destacamos que, tanto nessas fraternidades mencionadas por Louro quanto em nossa sociedade, os banheiros dos masculinos são apontados como um local propício para a experimentação sexual (Preciado *apud* Damasceno e Almeida, 2018) e configuram-se como “[...] um dos redutos públicos em que os homens podem utilizar-se de jogos de cumplicidade sexual sob a aparência de rituais de masculinidade” (Preciado *apud* Damasceno e Almeida, 2018, p. 8).

Nos exemplos apresentados nas Figuras 1, 2 e 3 é possível observar uma consonância com o conceito de Folkcomunicação defendido por Beltrão (1980, p. 40), segundo o qual, “[...] cada ambiente gera seu próprio vocabulário e sua própria sintaxe, e cada agente-comunicador emprega o canal que tem à mão e melhor sabe operar de modo a que seu público veja refletidos na mensagem seu modo de vida, suas necessidades e aspirações [...]. Pois, os grafittis produzidos pelos usuários desviantes dos banheiros apresentam, também, desvios quanto à gramática normativa uma vez que os enunciados foram escritos inteiramente em letras maiúsculas/garrafas; apresentam ausência de acentuação tônica (nas palavras “pênis” e “será”, presentes no enunciado da Figura 3); a inserção de caracteres tipográficos, algo muito comum na comunicação em meios eletrônicos (representação de um sorriso, a exemplo do visto na Figura 2); e, além disso, todos os enunciados apresentam ausência de pontuação nos três períodos escritos. Ademais, em consonância com Beltrão (1980), constatamos que, nos enunciados encontrados, o grupo marginalizado (no caso desta pesquisa os sujeitos homoeroticamente inclinados), ao desafiar a norma heteronormativa, demonstra um anseio coletivo por uma vida livre de injustiças e opressões, além de acessos aos prazeres que permanecem restritos a uma minoria privilegiada.

De maneira similar a indicada por Beltrão, Louro (2022 [2000], p. 37) comenta a respeito do incômodo em relação à manifestação pública de sujeitos e práticas sexuais não-heterossexuais, o que acarreta “[...] uma luta para expressar uma estética, uma ética, um modo de vida que não se quer ‘alternativo’ (no sentido de ser ‘o outro’), mas que pretende, simplesmente, existir pública e abertamente, como os demais”.

Considerações, que não se pretendam ser finais

É possível afirmar que os banheiros masculinos do espaço escolar a que acessamos e que nos dispusemos analisar, não são somente espaços destinados à higiene e/ou à prática de excreção, mas podem ser figurados também como um canal de enunciados e de produtividade discursiva. Onde é possível encontrar grafitos de sujeitos homoeroticamente inclinados (a ver Figuras 1, 2 e 3), considerados marginalizados por destoarem da performance de gênero instituída socialmente, que vigia e interdita às práticas de exposição da sexualidade em contextos sociais amplos. A exemplo do que vimos em nossas análises, esses sujeitos se desvirtuam da heteronormatividade – embora, por vezes, de forma velada – instituída devido às suas inclinações a práticas sexuais alternativas, materializadas por meio de práticas enunciativas em banheiros públicos e, em nosso caso específico, em banheiros escolares. Tais grafitos podem se configurar como atendimento às suas necessidades, às práticas e aos seus desejos corporais, mas que, por interditos sociais, não lhes possibilitam de assumirem as suas identidades, em muito, exercendo performances de gênero que se autopropagam, em momentos públicos, como aversos a práticas sexuais ditas não-convencionais.

Ao desafiarem os espaços onde frequentam, por meio dos seus enunciados, esses estudantes, de níveis de ensino diversificados, colocam em xeque as ações disciplinares voltadas ao controle dos corpos e utilizam os sanitários para manter (ou afirmar) a sua identidade frente à tendência massificadora prevalente. Expressando-se em relação à realidade que os envolve, num movimento de resistência uma vez que os grafitos são produzidos num contexto social e político que os oprime, exigindo reposicionamentos quanto aos lugares de atuação, de proposição e de ação política na qual a linguagem tem papel fundamental (Souza; Jovino; Muniz, 2018, p. 1).

Do ponto de vista linguístico-enunciativo, entendemos que todas as manifestações oriundas da língua(gem), em suas diferentes modalidades, são legítimas formas de representação de um discurso que imprime marcas de sujeito — marcas estas que são

identitárias. Nesse sentido, as identidades para as quais nos voltamos são aquelas consideradas dissonantes, historicamente inseridas na comunidade LGBTQIAPN+ e frequentemente alvo de represálias, a partir das marcas de interseccionalidade, a saber: gênero, raça, etnia, classe, religião etc. Isso se deve porque precisamos conceber gênero e sexualidade de forma interseccional, isto é, considerando como essas categorias que se cruzam com outras dimensões sociais, mas que, ao mesmo tempo, se distinguem.

Essa perspectiva permite-nos compreender como identidades, experiências e desigualdades são moldadas por múltiplos fatores simultaneamente, em vez de serem analisadas isoladamente. Moita Lopes (2022, p. 25) reforça esse quadro, ao afirmar que

[...] o gênero e a sexualidade precisam ser considerados em conjunto com os atravessamentos dos corpos por sentidos de classe social, raça, etnia, religião, idade, nacionalidade, etc. Ao interseccionalizar o gênero e a sexualidade com outras dimensões sociais, os significados performatizados são ainda mais desestabilizados.

Uma vez que essas performances têm o potencial de questionar normas culturais, sociais e políticas, que estruturam as categorias de identidade e influenciam sua operação em diversos contextos, como o contexto escolar, que é o foco desta pesquisa em tela. Contudo, é importante destacar que por mais que a pesquisa tenha como pano de fundo uma instituição de ensino, não tivemos qualquer pretensão de fazer uma pesquisa de caráter educacional/pedagógico, dado que, em concordância com Louro (2022 [2000], p. 25), não intentamos

[...] atribuir à escola nem o poder nem a responsabilidade de explicar as identidades sociais, muito menos de determiná-las de forma definitiva. É preciso reconhecer, contudo, que suas proposições, suas imposições e proibições fazem sentido, têm ‘eleitos de verdade’, constituem parte significativa das histórias pessoais.

Portanto, é preciso reconhecer que as imposições institucionais produzem consequências sobre os sujeitos que passam ou já passaram pelas instituições formais de ensino, como a escola. Tais situações podem ser extremamente danosas na construção de suas identidades sociais, afetando especialmente aqueles corpos considerados abjetos, historicamente alvos de uma cisheteronormatividade compulsória que os regula e impõe performances e formas de existência heteronormativas. No entanto, ao tempo em que essa cisheteronormatividade condena e abjeta essas subjetividades de sujeitos com

interseccionalidades tão particulares, ela encontra resistências que evidenciam como as identidades se (re)constroem em sua fluidez, a partir dos contextos nos quais essas subjetividades estão inseridas.

Referências

- AUSTIN, John Langshaw Austin. **How to do things with words**. New York Press, 1965.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Recurso digital.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem, 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. 3. ed. Salvador: Devires, 2017.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. Campinas, SP: Pontes, 1988.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.
- BEZERRA, Fábio. **Linguística Aplicada Transviada**: gênero e sexualidade nos estudos da linguagem em perspectiva descolonial, interseccional e transdisciplinar. Campinas: Pontes Editores, 2023. v. 1. 265 p.
- BONFANTE, Gleiton Matheus; MARINO, Filipe Ungaro. (2020). **DO DEJETO AO DESEJO: ARQUITETURA DE BANHEIROS COMO DISPOSITIVO DE CONTROLE DA SEXUALIDADE**. Interfaces Científicas - Educação, 8(2), 117–131. Disponível em: <<https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v8n2p117-131>>. Acesso em: 4 abr. 2025.
- BORBA, Rodrigo. Linguística Queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. **Entrelinhas**, São Leopoldo, v. 9, n. 1, p. 91–107, jan./jun. 2015. Disponível em: <<https://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/view/10378>>. Acesso em: 05 set. 2024
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O Professor Pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.
- BRANDÃO, Tamara. Folkcomunicação da latrina: estudo dos grafitos de sanitário da Unesp-Bauru. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, [S. l.], v. 1, n. 2, 2008. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/18565>>. Acesso em: 4 abr. 2025.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017/2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003 [1990].

BUTLER, Judith. **Quem tem medo do gênero?** Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2024. 272 p. Recurso digital.

CAVALCANTI, Marilda do Couto. **A propósito de linguística aplicada**. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, SP, v. 7, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639020>>. Acesso em: 17 out. 2023.

CAVALCANTI, Ricardo Jorge; LIMA, João Pedro Fradique; GONZAGA, Gustavo Matheus Moreira de. **Performatividades LGBTQI+**: percepções de estudantes no ensino médio integrado e a formação para o mundo do trabalho. Seminário Internacional Fazendo Gênero 13 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 1-12, set. 2024. Disponível em: <<https://www.fg2024.eventos.dype.com.br/anais/trabalhos/lista#R>>. Acesso em: 05 set. 2024

CAVALCANTI, Ricardo Jorge; LIMA, João Pedro Fradique; GONZAGA, Gustavo Matheus Moreira de. **Performatividades LGBTQIAPN+** e currículo escolar: gestos de análise de um contexto público da educação profissional e tecnológica de nível médio. In: Jomson Valoz. (org.). **Queer**: estudos sobre linguagem, gênero e sexualidade em perspectiva. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2024, v. 1, p. 41-71.

DAMASCENO, Rafael Fernandes Rocha. ALMEIDA, Vanessa Lopes. Os banheiros como reafirmação das construções dos papéis de gênero. **Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, v. 1 n. 1 (2018). Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22872>>. Acesso em: 15 nov. 2024.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 3. ed. São Paulo. Editora Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: A Vontade de Saber. 14. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, [1977], 2022.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, [1979], 2021.

GUSMÃO, Roney. Entre a performance e a performatividade: (Re)visitando o gênero pelo campo da memória. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 316–340, 2022. DOI: 10.9771/cgd.v8i2.48508. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendif/article/view/48508>>. Acesso em: 05 set. 2024

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4. ed. 4. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

MARACCI, João Gabriel; MACHADO, Paula Sandrine. Kit gay: Mapeando controvérsias nas redes de uma ofensiva antigênero. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 22, n. 53, p. 37-51,

- abr. 2022. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2022000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 jul. 2025.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. GONZALEZ, Clarissa Rodrigues.; MELO, Glenda Cristina Valim de; GUIMARÃES, Thayse Figueira. **Estudos queer em linguística aplicada INdisciplinar**: gênero, sexualidade, raça e classe social. Parábola Editorial, 2022.
- NASCIMENTO, Francisco Arrais. MASSONI, Luis Fernando Herbert. SHIRAKAVA, Rafael da Silva. MARTINEZ-ÁVILA, Daniel. PINHO, Fabio Assis. Autonomeação e autoclassificação das homossexualidades masculinas e sexualidades alternativas no Brasil. **Investig. bibl**, Ciudad de México, v. 34, n. 84, p. 151-168, sept. 2020. Disponível em:
<http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0187-358X2020000300151&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 20 dez. 2024. Epub 21-Ene-2021. <https://doi.org/10.22201/iibi.24488321xe.2020.84.58209>.
- OLIVA, Osmar Pereira. Amizade masculina e homoerotismo em Dom Casmurro, de Machado de Assis. **Machado de Assis em Linha**[online], v. 10, n. 22, pp. 74-93, 2017. Acesso em: 15 nov. 2024, pp. 74-93. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1983-6821201710226>>. Epub Dez 2017. ISSN 1983-6821.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- SILVA, Alexsandra Nascimento da; SARAIVA, Luiz Alex Silva. **Grafitos e tabus nas organizações: um estudo iconográfico em banheiros. Pensamento Contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro,v. 11, n. 1, p. 116-130, jan./mar. 2017. Disponível em:
<<http://dx.doi.org/10.12712/rpca.v11i1.466>>. Acesso em: 15 nov. 2024
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- VERGUEIRO, V. Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial. In: MESSEDER, S., CASTRO, M.G., and MOUTINHO, L., (orgs.) **Enlaçando sexualidades**: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 249-270. ISBN: 978- 85-232-1866-9. Disponível em:
<<https://doi.org/10.7476/9788523218669.0014>>. Acesso em: 01 abr. 2025.
- VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Dissertação (Mestrado Multidisciplinar), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2015.
- VILHENA, Ruan Felipe Carvalho. **GRAFISMOS DE BANHEIROS ESCOLARES: INCURSÕES SOBRE MENSAGENS DE SEXUALIDADE E DESEJO**. In: **Anais do VII Seminário, Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional, Corpo, Gênero e Sexualidade, e do III Luso-Brasileiro, Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade, 2018, Rio Grande - RS. VII Seminário, Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional, Corpo, Gênero e Sexualidade, e do III Luso-Brasileiro, Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade**. Rio Grande - RS: Editora da Furg, 2018. Disponível em:

<<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>>. ISBN:978-85-7566-547-3>. Acesso em: 15 nov. 2024.

VERBUM - CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO - ISSN 2316-3267